

# De pai para filho

**MARGARET MARCHIORI BAKOS**, 36 anos, com avós vindos da Itália, professora universitária de História.

“Quando meus avós vieram da Itália em 1889, tiveram chance de se estabelecer em Porto Alegre. Mas preferiram ir para a região de Jaguari, onde cada família de colonos recebia um lote de 25 hectares. A maioria dos imigrantes era formada por artesãos e tecelões mas, por força das circunstâncias, passou a dedicar-se à agricultura.

“Em seguida, deixaram de falar a língua, adotando como sua a nova terra e seus costumes. Meus avós não pensavam em voltar para a Itália, que lhes lembrava tantos problemas: dificuldades com colheitas, ameaça de guerra, poucas chances de progresso econômico. O avô, Sílvio Marchiori, era uma pessoa polivalente pois, além das plantações e criação de porcos, possuía uma casa de comércio na zona urbana, controlada por minha avó.

“Ele tinha uma forte inclinação política, era engajado e foi o primeiro intendente do

município de Jaguari, período em que realizou melhorias na região. Entretanto, apenas um dos descendentes se interessou mais tarde por política.

“Apesar do pouco esforço para continuar falando a língua italiana, a família conservava algumas tradições. Por exemplo, no Natal, eram feitas cucas especiais em forno de lenha. Havia também o costume de fazer doces em tacho de cobre e suco de uva caseiro. A massa e o queijo eram, da mesma forma, preparados em casa. O risoto de galinha dos Marchiori era famoso na cidade e, até hoje, os descendentes sabem prepará-lo. Havia o gosto pela caça, que integrava os moradores, assim como o jogo de bocha, trazido da Itália.

“Minha mãe conta que a família apreciava se reunir em saraus, quando cada um tocava um instrumento musical: flauta, violão, gaita, acordeon. De fato, era dada muita importância à formação cultural. Dizem que minha avó veio bastante revoltada para o Brasil. Isto porque ela tinha uma boa base intelectual e sabia que sua vida

*“Gosto muito dos afazeres de casa...”*



Margaret Marchiori Bakos

na nova terra seria bem diferente.

“Porém, fez questão de dar estudo para seus filhos. Não

havia escolas em Jaguari, mas eles contratavam um professor para dar aulas em casa. Minha mãe diz que aprendeu até este-

nografia na infância. Liam muito e, como os livros eram escassos, eram praticamente decorados pelas crianças. Neste sentido, não havia qualquer preconceito em relação à educação das mulheres. Afinal, minha avó era culta e, já naquele tempo, administrava o armazém, desde a escolha da mercadoria até o abelamento de preços.

“Do mesmo modo, não existia preconceito nos casamentos com pessoas de origem não-italiana. Ocorria justamente o contrário. Quando meus avós vieram da Itália, uma outra família — a dos Bataglin — também se estabeleceu em Jaguari. Assim, no princípio, houve muitos casamentos entre eles. Meus pais, por serem primos-irmãos, precisaram de uma licença especial do bispo para casar, porque a família era contra. Preferia uma união com caixeiros-viajantes, por exemplo.

“Mais tarde, os descendentes de Sílvio Marchiori — ele teve 11 filhos — foram deixando Jaguari, porque o município não oferecia condições de escolarização. A família se manteve unida enquanto permaneceu

em Jaguari. Hoje, os encontros são esporádicos, eventualmente nos vemos numa festa ou, então, por motivo de doença de alguém.

“Com quatro anos, vim para Porto Alegre, que assustava os migrantes. Talvez por isto meu pai tenha preferido que minha mãe ficasse em casa, sem trabalhar fora. Mas ela sempre incentivou que eu e minha irmã tivéssemos uma profissão, embora esta tivesse que ser conciliada com os trabalhos domésticos. Assim, nós duas escolhemos o magistério. Até agora, apesar da minha atividade como professora de História, gosto muito dos afazeres de casa — ter horta com temperos, fazer sucos e geléias, cozinhar. Tudo está relacionado com minha infância.

“Sinto que a língua não tenha sido conservada. Hoje, estudo italiano, mais por incentivo do meu marido, que veio de uma região da Iugoslávia, onde só se fala aquela língua. Outra coisa — sei que a maioria da família tem muita vontade de conhecer a Itália”.